

MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE: O PÚBLICO E O PRIVADO NA EDUCAÇÃO

SCARLETT O'HARA COSTA CARVALHO

Graduanda em Pedagogia, 7º semestre pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista PIBID/Pedagogia/UECE. E-mail: scarlettoharacc@gmail.com

LIA MACHADO FIUZA FIALHO

Professora Adjunta do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Especialista em Inclusão da Criança Especial no Sistema Regular de Ensino pela UFC, em Psicologia da Educação - FLATED e em Psicopedagogia Institucional e Clínica – FLATED, Pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Editora chefe da coleção Práticas Educativas – EdUECE. Pesquisadora do Núcleo de história e Memória da Educação – NHIME. E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

Introdução

O objetivo do trabalho é compreender a trajetória de vida e formação profissional de Ana,¹ uma professora da Educação Básica, que tem experiência de ensino tanto na escola pública quanto na privada. Espera-se analisar os aspectos positivos e negativos que permearam sua formação docente, bem como as divergências e congruências da atuação no magistério em instituições particular e pública de ensino.

Por intermédio da metodologia da história oral temática, foi realizada entrevista, pura e híbrida, gravada, transcrita, transcrita e validada em junho de 2014, possibilitando a análise biográfica nas suas interfaces com o contexto sociocultural (FERREIRA, AMADO, 2006).

A escolha da temática em foco se justifica pelo fato de que pesquisadoras e pesquisada participavam do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED / UECE), na condição de iniciação à docência, coordenação e super-

¹ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da professora entrevistada.

visão, o que despertou o interesse pela história de vida e formação dos participantes a fim de valorizar os conhecimentos prévios dos profissionais envolvidos. Sobre isso Paulo Freire (2002) afirma que: *“quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”* (p. 25). É importante que o professor faça com que o aluno perceba sua realidade, tornando algo motivador e significativo para o aluno, não apenas “jogando” conteúdo para o aluno absorver. Em relação a isso, FREIRE (2002, p.52) nos diz que: *“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”*.

Ana foi escolhida como sujeito da pesquisa porque além de participar do PIBID contribuindo para formação de futuros pedagogos, possuía vasta experiência docente na rede pública e privada de ensino, lecionando há 12 anos para alunos de 3 a 12 anos de idade, etapa de atuação do Pedagogo, que é habilitado para o ensino na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental – primeiro ao quinto ano. A referida professora foi acessível e estava apta a compartilhar um pouco de sua experiência docente com ênfase nas divergências e congruências entre o ensino ministrado na rede pública e particular no Município e Fortaleza.

Infância

Ana começou a participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID em março de 2014. Teve uma primeira seleção na escola em que trabalhava, mas ela não se inscreveu porque não sabia como funcionava o projeto e pensava que iria tomar muito o seu tempo, como ela ainda tem um filho de dois anos, preferiu não fazer a seleção. Quando teve uma segunda seleção, por indicação de uma professora, resolveu se inscrever e quando viu a proposta do projeto, identificou-se imediatamente. Ela sempre gostou muito da área de formação docente e essa foi uma ótima oportunidade. Ressaltou ter as melhores expectativas em relação

ao projeto e o desejo de contribuir com o grupo envolvido no intuito de fazer com que as bolsistas que a acompanham se apaixonem por essa área, assim como ela.

Com apenas 31 anos, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e pós-graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade 7 de Setembro – FA7, Ana apresenta rica possibilidade de contribuição com a formação docente de jovens que se preparam para ingressar no magistério, já que vivenciou muitos anos na condição de docente, experimentando as nuances pertinentes ao ensinar e aprender na rede pública e privada de ensino. Tais redes, apesar de trabalharem com público semelhante em quantitativo de alunos em sala de aula e idades, demonstram realidades distintas no que diz respeito ao exercício profissional como será discutido a posteriori.

Ana vivenciou várias experiências no mundo escolar, desde sua infância até a juventude, o que interferiu na sua escolha profissional, bem como na atuação docente. Nesse sentido, é pertinente iniciar com as memórias de Ana quando criança.

Sobre sua infância, relata:

Eu nasci em Fortaleza, minha infância inteira foi toda aqui. Sempre estudei em escola particular, de bairro, desde pequena. Morava com meus pais, fui filha única até os 10 anos. Apesar de morar na Aldeota, bairro agitado da cidade, era em uma casa com quintal, era tudo diferente do que é hoje. Era perto dos avós, bisavós, minha tia morava em frente, a gente andava de bicicleta, a pé, e não tinha esses perigos de hoje.

Quando sua mãe teve sua irmã, Ana já estava em outra fase na escola. Já na adolescência, sempre participou de feira cultural, semana de artes, era líder de sala e ajudante do dia, participava de festa junina, festa de natal, apresentação, enfim, tudo que pudesse, estava envolvida. Esses eventos escolares criaram possibilidades de integração e desenvolvimento pedagógico de Ana, em relação a isso Padilha (2002), nos diz que as festas são compreendidas como:

(...) momentos de descontração, de alegria, de encontro e de resgate da cultura popular, que podem se traduzir em atividades potencializadoras de processos altamente pedagógicos. As festas podem favorecer, por exemplo, um trabalho contínuo de avaliação e de reconstrução do próprio projeto de vida, de escola, de cidade ou de sociedade da equipe escolar, que é convidada a refletir e a observar as diferenças pessoais, grupais ou institucionais ali presentes (...).

Até hoje, Ana lembra de uma professora que a marcou muito, a Tia Jack. Ela era professora de Estudos Sociais, da 3ª e 4ª série. Quando tinha feira das profissões ela sempre dizia: “Ana vai ser a professora!” e Ana sempre relutava: “Não tia Jack, eu vou ser a médica!” E ela respondia: “Mas, Ana você vai ser professora”.

Ana nunca foi só uma criança de estudar, teve uma infância muito feliz e a escola era, realmente, sua segunda casa. Sua mãe apesar de trabalhar o dia inteiro em comércio, nunca precisou verificar suas atividades. Quando ia assinar o boletim, já sabia os resultados. Quando Ana entrou no ensino médio, ficou de recuperação pela primeira vez, em matemática. Chegou em casa chorando, queria se matar, e seu pai a dizia: “minha filha, mas todo mundo fica de recuperação, isso não é tão ruim.”

Ana nunca teve nenhuma reprovação, até porque seus pais faziam o maior esforço para poder pagar a escola e ela sempre lembrava disso. Sempre queria dar orgulho aos seus pais. “Lembro com muito carinho da minha infância, procuro passar para os meus alunos e para o meu filho. Como eu tive uma professora inesquecível, eu quero ser a professora inesquecível para eles, um exemplo mesmo.”

Aos 16 anos, Ana foi para outro colégio, para poder se preparar para o vestibular. Assim que entrou nessa escola, fez uma seleção para bolsistas, na qual obteve aprovação. Era para trabalhar na escola pelo valor da mensalidade. Era para ser auxiliar de sala e ficar na coordenação da educação infantil, e considerando que gostava de estar em uma sala de aula, Ana afirmou que se realizou.

Segundo Ana, trabalhar e estudar não a atrapalhou, as notas continuaram boas. Fez deste ambiente uma extensão do seu lar como descreve:

A escola era muito distante. Então eu almoçava lá e voltava pra escola. Fazia específica para o vestibular e só chegava em casa umas 9 da noite. Só para dormir mesmo. Foi uma época em que eu mal via os meus pais. Eu não tinha nascido em berço de ouro e aquela era a minha oportunidade de “virar gente” e ainda bem que deu certo. [...] queria entrar na faculdade.”

Vale ressaltar a consciência de Ana sobre sua vida, ela sabia que precisava estudar para “virar gente”, como relata. Com isso, viu seu ingresso na faculdade como uma oportunidade que não poderia perder. Sabe-se da importância do ensino superior hoje em dia. Está cada vez mais difícil conseguir um bom emprego, sem qualificação ou formação, pois o mundo do trabalho está mais exigente. No que concerne à qualificação profissional Chiavenato (2002, p. 496), afirma que: (...) *é a educação que visa ampliar, desenvolver e aperfeiçoar o homem para seu crescimento profissional em determinada carreira na empresa ou para que se torne mais eficiente e produtivo no seu cargo.* Diante disso, para quem busca uma ascensão na vida, tanto pessoal, quanto profissional, faz-se necessário estar sempre se atualizando e estudando, se preparando para as mudanças eminentes.

Formação docente

A escolha do curso, primeiramente, foi através das provas específicas para o vestibular, que Ana mais se identificava, no caso, eram história, geografia e português. Na Universidade Federal do Ceará – UFC tentou Publicidade, não passou nem na primeira fase. Já na UECE, tentava História, Letras ou Pedagogia, não tinha certeza da melhor opção.

Após decidir por Pedagogia, Ana relata que:

Com a Pedagogia, nós temos o estudo da educação e não, necessariamente, você tem que ir pra uma sala de aula. Hoje a gente sabe que muita gente não quer e nem tem jeito para uma sala de aula. No meu caso, se eu não estiver em sala de aula, vai ser uma pedagoga se perdendo. Porque eu não sou uma pedagoga pesquisadora, eu não sou aquela que senta para ler, para escrever. Eu gosto da prática, eu gosto de dar aula. É claro que sempre tenho que me preparar pra isso, estudar, escrever e não quero “emburrecer”.

Esse pensamento de Ana é importante, pois demonstra consciência de sua parte em atrelar teoria e prática, bem como procurar se atualizar, apesar de não se considerar pesquisadora. Diante disso, podemos citar FREIRE (2002, p. 14) quando este nos diz que: “Pensar a prática enquanto a melhor maneira de aperfeiçoar a prática. Pensar a prática através de que se vai reconhecendo a teoria nela embutida (...)”.

Em 2000, ao entrar na UECE, logo no primeiro semestre, Ana fez uma seleção para monitora do Colégio 7 de Setembro para trabalhar no sistema de tempo integral. Seria apenas um período, mas quando estava no segundo semestre foi contratada como professora regente.

Ana era muito cobrada na escola, pois tinha que fazer relatórios, planejamentos, e ainda estudava a noite. Aos sábados a escola oferecia grupo de estudos com professores de outros lugares, alguém que só iria acrescentar na formação desses professores e Ana agradece muito, pois aprendeu muito com esses momentos. Nessa época, os gestores já possuíam uma visão para a educação inclusiva, assunto que adentrava via legislação algumas escolas. Segundo a LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – LEI Nº 9.394/96 – Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional – 1996 – Capítulo V – Da Educação Especial:

Art. 58 . Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida pre-

ferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. §1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. §2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular. §3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Mas, ainda que amparada em lei, havia um nítido despreparo dos professores para trabalhar com a inclusão no sistema regular de ensino. Nessa época, diante do conflito eminente, surgiu em Ana a vontade de estudar mais sobre inclusão, temática relativamente nova para o cenário da época.

Em relação às suas aulas, Ana diz:

Quando eu faço alguma atividade que não utilize cadernos, eles chegam perguntando: “tia tu não vai dar aula hoje não?” Então eles já chegam de certa forma com um vício, de que aula é só encher a lousa. E não é a gente sabe que essas vivências são enriquecedoras. É preciso receber a comunidade, fazer com que o aluno entenda o porquê dele estar na escola, tem que fazer sentido pra ele, não é porque ele precisa tirar um 6 para passar. “Uma coisa que você ensina brincando ele não esquece nunca”. Mas quando eu termino de ler um texto e pergunto o que eles entenderam, não sai nada. Porque se torna uma coisa tão distante? Acho que temos que rever o material, tem que ter significativo. Tem que ensinar dentro da realidade do aluno. Nós professoras é que sabemos o que temos que ver e como temos que ver durante o ano. O professor tem que ser mais ouvido.

Os laboratórios de informática no Município de Fortaleza foram fechados, porque as professoras responsáveis por esse ambiente tiveram que voltar para a sala de aula regular, devido à

grande carência de professores na escola. Ana enfatiza que não tem preparo para mexer no Linux, sabe que tem coisas fantásticas, mas esclarece que não sabe utilizar. Sobre este fato, relata:

Nas avaliações externas o menino vai preenchendo no computador e o Linux dá o resultado, mostra o gráfico. Mas, eu não tenho esse preparo, sem falar no tempo. Porque perderíamos quase meia hora para ligarmos todos os computadores, por isso teria que ter alguém auxiliando.

Leccionou durante oito anos em uma escola privada e há quatro anos atua no município como professora polivalente na Educação Básica. Decidiu fazer o concurso devido à estabilidade. Enquanto era professora substituta conseguiu conciliar as duas escolas. Ficava de manhã na instituição particular, e no município, tarde e noite. Passou, como substituta, apenas três meses. Durante a noite, ficou com uma turma de EJA, e relata: “era uma turma muito boa, queriam aprender, então eu amei o “mundo público””.

A minha turma da tarde era 5º ano, e era uma turma difícil. Mas, quando eu passei no concurso e continuei com 5º ano, já era outra realidade, porque eram alunos na faixa etária de 10 anos. Aí foi que eu gostei mesmo. Fiquei por 15 dias numa sala de 1º ano, fiquei muito assustada. Eram alunos complicados. Eles não ouviam histórias, não brincavam com massinha, era muito desregrado. Nesse tempo eu chegava chorando em casa. Isso nunca tinha acontecido. Depois abriu a vaga pro 5º ano e eu fui.

Sobre sua profissão, Ana fala com muita propriedade e certeza do que quer para sua vida e comenta:

No dia que eu não quiser mais estar aqui, eu boto meu currículo embaixo do braço e vou entregando nas escolas. Se alguém estiver precisando. Eu só sei ser professora. Dizem que eu sou muito segura e eu respondo: “Claro”! Eu sou a melhor professora que conheço. A minha aula é ótima!

A partir desse relato de Ana, percebemos seu encanto pela profissão, apesar das dificuldades, ela os encara com muita vontade de querer fazer a mudança. A entrevistada demonstra muita segurança quando fala da sua experiência, pois sabe que é isso que ela quer para a sua vida e é isso que ela sabe fazer.

Entre o público e o privado na educação

Em relação à experiência profissional nas instituições pública e privada, Ana relata que as principais diferenças estão relacionadas à organização:

As coisas do ensino privado são amarradas. Você sabe tudo que vai acontecer até dezembro. Os projetos, as metas, etc. Já no ensino público, as coisas são desorganizadas, quando querem algo é pra “ontem”. Eles pedem um instrumental de cada aluno, tipo boletim, é muita coisa e, por exemplo, chega hoje e eles querem que eu preencha tudo para amanhã. Já em uma escola particular, por exemplo, você vai entregar um recadinho, todo mundo ler antes. Se todo mundo tiver entendido, tá tudo certo. Porque existe um planejamento. Não é só uma cabeça quem manda. Não tem porque o ensino público não está igual ou melhor que o particular, porque nós temos diretora, vice diretora, coordenadoras, enfim, eu não sei o que acontece. Claro que existe a diferença do material, da estrutura, enfim.

Para exercer sua prática docente destaca que sempre teve muita autonomia. “Claro que no público, tem menos gente lhe espiando. Na particular tem sempre alguém no corredor. São muitos olhos”. Segundo Azanha (1993), o conceito de autonomia só ganha importância se significar comprometimento e liberdade para a realização da tarefa educativa.

Considera que sempre foi muito acolhedora, mas trabalhando a autonomia da criança. Nunca recebeu nenhuma reclamação de pais e diz: “Nunca fui escrava de aluno, tinha aluno que dizia: eu que

pago seu salário!” E Ana afirmava que “não era besta”, pois havia muitas professoras que eram submissas às crianças. Lembra-se de um fato e comenta: *“Uma vez, no parquinho um jogou o balde de areia na cabeça da professora e ficou por isso mesmo”*.

“Lá a gente tinha material para fazer experiências, para fazer uma aula diferente. Aqui, os recursos são mais escassos. São pequenas coisas que fazem a diferença na nossa prática pedagógica.” Compara Ana, sobre os materiais complementares na instância do privado e do público respectivamente.

Sobre os desafios que encontra na sala de aula, relata:

Os maiores desafios estão relacionados à indisciplina, a falta de respeito, as regras. O aluno da escola pública vem desrespegado de casa. Tem a questão da violência, claro que na escola particular também tem. Não estou generalizando, mas a gente sabe que é assim. Mas, o aluno da particular senta e conversa, brinca, lancha. Na hora do lanche, por exemplo, na particular todos comem o seu, sentados, enfim. Já na pública a hora do lanche é um jogando na cara do outro, estragando, sujando. E quando ele volta pra sala de aula, não respeita o tempo. Acha que beber água e ir ao banheiro é a hora que eles querem. Eles são sem limites! Lá na particular, eu impunha limites. Até porque eles eram crianças menores, mas eu presenciava o recreio dos maiores e não era assim. Nunca presenciei uma cena de agressão entre eles e nem desperdiçando o lanche.

Segundo Ana a educação é um problema de base, do acompanhamento e orientação da família. Compara relatando que na escola particular está se pagando muito caro, logo há a exigência do aprender e, consecutivamente, passar de ano. Já na escola pública não há tamanha cobrança, ao contrário, constata-se descaso. Ana exemplifica narrando um diálogo: *“a professora chega e diz: Olha, seu filho não sabe ler! Os pais respondem: pois é tia, esse menino não sabe de nada.”*

A exemplificação constata a reduzida preocupação e o eminentemente conformismo com o fracasso escolar. Ana acredita que se houvesse cobrança familiar e valorização do ensino iria repercutir em maior avanço do ensino, mas como muitos pais não tiveram oportunidade de educação escolar de qualidade não compreendem o valor desta. Já os pais que tem um nível de ensino mais elevado, cobram mais, pois sabem da necessidade de uma boa formação. Como Freire nos diz: “*se queremos que a criança cresça numa desejada e ativa participação na vida de sua comunidade, devemos torná-la desejosa e ativa participante de sua própria educação*”. (FREIRE, 2003, p. 91)

No geral, as maiores dificuldades relatadas por Ana na escola pública são: falta de apoio da família e falta de regras. Como educadora, Ana acredita na proposta do tempo integral como válida, caso ela for bem implantada, para reverter essa situação. Ela explicita:

Eu acho que esses meninos deveriam passar o dia na escola, com várias atividades, com acompanhamento, com uma boa alimentação. Porque a gente sabe que a desnutrição causa um grande prejuízo cognitivo. Infelizmente, só se fala em campanhas políticas. Estando da maneira como está, como o ensino vai ser no futuro? As minhas perspectivas não são tão otimistas. Porque eu não sei se quem tá lá na educação infantil ou nos anos iniciais vão chegar dando valor, sabendo da representação disso na vida deles. Porque alguns que estão concluindo, continuam desempregados, continuam sendo vítimas dessa violência, o tráfico continua dando mais dinheiro, enfim, eu não vejo política pública nenhuma para mudar isso. A política é agora para o resultado da avaliação externa vir bom. Mas não vai vir bom, se não for da raiz até o fruto.

Por fim, Ana afirma interesse e disposição para colaborar com a formação de seus alunos principalmente no tocante a formação de caráter, sensibilizando para a bondade. Pois espera que eles não se deixem levar pelas opções aparentemente mais fáceis enveredando por escolhas inadequadas ou conflitantes com a lei (FIALHO, 2014). Os jovens constantemente são desestimulados a pros-

seguir com a educação formal pela falta de perspectiva futura e Ana quer fazer a diferença, quer convencê-los de que por intermédio dos estudos eles podem progredir socialmente e financeiramente, basta que eles queiram realmente e acreditem. Comungando com o exposto, Freire (2001) leciona:

(...) que poderá fazer a educação com vistas à esperança?(...) qualquer que seja a dimensão pela qual apreciemos a autêntica prática educativa – gnoeológica, estética, ética, política – seu processo implica a esperança. Educadores desesperançosos contradizem sua prática. São homens e mulheres sem endereço e sem rumo. Perdidos na história. (FREIRE, 2001-c,p. 87-88).

Diante dessa citação, é pertinente destacar, a esperança que o educador deve ter, e é isso que Ana demonstra no seu relato. Ele realmente quer fazer a diferença na vida de seus alunos e quer incentivá-los a querer sempre o melhor e mostrar que eles conseguem.

Ana relata que sua formação foi muito baseada no amor, o que impulsionou a vontade que ela tem de fazer a diferença na vida de seus alunos, independentemente da idade, seja criança ou adulto.

Pra mim nossa formação de professor é contínua, é toda hora, é quando minha aluna chega e me conta algo que vai mudar minha maneira de pensar, quando encontro com pessoas, que tem anos de salas de aula, de projetos, então tudo isso vou agregando à minha formação, especialmente a minha formação como ser humano. Acho que se eu não tivesse recebido tanto amor dos meus professores, dos meus pais, hoje talvez, eu não conseguisse dar amor aos meus alunos. E acho que temos que estudar, temos que ir atrás, temos que participar, porque a educação é mutável demais. A gente sabe que o adolescente de hoje não é o adolescente de dez anos atrás e nem o de amanhã. Temos que caminhar juntos.

Acredita que a formação da graduação tem que melhorar, tem que estar mais voltada para a prática e que esta ainda deixa

muito a desejar. Não concebe a ideia de formar um pedagogo apenas com teoria, sem que este tenha vivenciado a prática.

Últimas palavras

Procuramos, neste artigo, compreender melhor algumas questões no tocante à docência, especialmente, em relação ao ensino público e privado, experiência vivenciada por Ana, uma professora comum nesse ambiente, e buscamos refletir algumas das diversas nuances que perpassam discussões acerca dessa temática. Por intermédio do relato de história oral, dessa professora, constatou-se que existem muitas dificuldades e diferenças entre ambas instituições, porém o desafio do professor continua sendo o mesmo, instigar o aluno, atrelar teoria e prática de uma forma reflexiva e significativa, fazer, principalmente, com que o aluno veja sentido no conteúdo trabalhado.

Como proposto, analisamos os aspectos positivos e negativos que permearam sua formação docente, bem como as divergências e congruências da atuação no magistério em instituições particular e pública de ensino vivenciadas por Ana, e constatou-se que desde sua infância a vida docente sempre esteve muito presente ao seu redor, o que a influenciou a seguir nesta carreira.

Por fim, esse estudo teve o intuito proporcionar reflexões e debates acerca da formação docente, bem como da sua prática.

Referências bibliográficas

- AZANHA, J.M.P. **Autonomia da Escola: um Reexame** – Série Ideias, 16, Governo do Estado de São Paulo, 1993.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos**. Ed Compacta. 7. ed. São Paulo:Atlas. 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**-21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

_____. **Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Editora Olha D'água. 1997.

PADILHA, Paulo Roberto. **Pedagogia do Encontro: relações interculturais na escola**. Tese de doutoramento (em andamento) (São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1999-2002).